



Maria Tereza Machado Teles Walter

Imagens profissionais e a percepção dos bibliotecários no Brasil¹ uma síntese de resultados

1 Apresentação do tema

Como e por que pensar em auto-imagem profissional dos bibliotecários diante da identificação, por meio da literatura técnica, das limitações de suas competências, de seu tradicionalismo na atuação profissional, de seu baixo investimento em educação continuada, de sua timidez na carreira e, também, das deficiências de sua formação? Embora tenha partido desses questionamentos, o propósito da pesquisa realizada não foi o de defender ou de atacar a importância desse segmento para a sociedade. Foi, sobretudo, uma tentativa de compreender, por meio da identificação da imagem projetada pelos integrantes da profissão, que conjunto de fatores está presente e influenciando a auto-imagem profissional dos bibliotecários, de que forma ela se projeta no exercício profissional e de que modo os bibliotecários analisam os colegas de profissão.

Embora pareça anacrônico ficar discutindo imagem profissional, nesses tempos marcados pelo uso de tecnologia em todos os setores da vida humana e em que soluções para os problemas de informação são emergenciais, deve-se lembrar que uma profissão e a solução de todo e qualquer problema para a humanidade passam pelo capital humano. Se não em sua linha de produção, no planejamento dessas soluções que devem ser criativas, política e socialmente inclusivas e ambientalmente responsáveis. Pensar as profissões é pensar seus profissionais, especialmente aqueles grupos ocupacionais que

não se encontram entre os que atraem imediatamente interessados, seja porque as remunerações não se encontram entre as mais elevadas, seja porque a sociedade desconhece seu potencial, ou, também, porque os exemplos profissionais não chegam a ser estimulantes.

Na literatura da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, esses pontos costumam ser bastante discutidos e as questões colocadas incluem pontos como invisibilidade profissional, apego excessivo a regras e normas, dissociação com a realidade tecnológica e associação quase que exclusiva com as bibliotecas e excludente para outros locais ou serviços onde os bibliotecários poderiam atuar, em virtude da formação que recebem.

1.1 Uma profissão e seu contexto

O advento da Internet, das tecnologias e o avanço da ciência em todos os campos, propiciou a pulverização das profissões em especializações, em subdivisões e em caminhos que muitas vezes se superpõem e que, em vários casos, apresentam interseções importantes. Esse processo afeta todas as áreas e não pode - nem deve - ser desconhecido dos responsáveis pela formação de profissionais, pelos próprios integrantes das diversas profissões e pelos estudantes, que devem estar atentos a esses pontos, na medida em que esses fenômenos os afetam diretamente e têm impacto em suas vidas futuras.

Um dos autores que estuda a questão é Freidson (1998), para quem profissão é sinônimo de ocu-

pação e tem relação com o trabalho especializado realizado por uma pessoa e pelo qual ela recebe remuneração. Prosseguindo, o autor considera que o exercício de uma profissão requer conhecimento teórico, competência e discernimento que as pessoas comuns não possuem, além de necessitar de um período de treinamento para o aprendizado.

Sintetizando, considera-se que uma profissão pode ser assim denominada quando reúne embasamento teórico, técnicas para seu exercício, normas de atuação e códigos de ética. Mas ela existe igualmente, em função de seu capital humano. Esse último, aliás, pode ser determinante para que os resultados sejam negativos ou positivos em relação a qualquer proposição de trabalho, realização de metas e desenvolvimento da profissão. De modo esquemático, é possível perceber o quanto cada um desses componentes interfere e age sobre os demais, influenciando-o, modificando-o e tornando cada uma das partes importante no contexto das profissões.

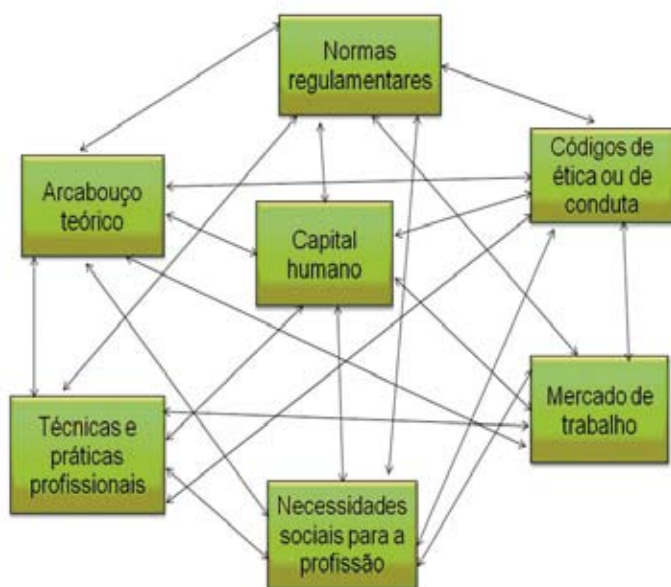


Figura 1 – Uma profissão e seu contexto

Por esse prisma, um profissional merece ser assim denominado porque passou por um curso de formação, em que a carga de competências adquiridas o distingue de outros perfis, e responde a uma determinada demanda social. Assim, se os bibliotecários continuam sendo formados e colocados num mercado reconhecidamente mais agressivo, mais concorrido e mais tecnológico, então é relevante prepará-los de forma a poderem atuar e competir em igualdade de condições com outros profissionais da informação.

Do mesmo modo, é importante que o mercado reconheça suas competências, não pelos seus discursos, mas sim pelas práticas profissionais que respondam às

necessidades expressadas ou prospectadas por perfis que saibam estudar e compreender os cenários, as mudanças de mentalidade social e os caminhos alternativos para o exercício profissional.

Então, partindo do princípio de que essa é uma profissão que merece sobreviver, compreender quem é e como se percebe o bibliotecário pode contribuir para que as novas gerações recebam outras cargas de competências que as aparelhe para que sua importância seja mais evidente socialmente, para que sejam preparados para atuar como grupo social e político, que tenha uma atuação mais assertiva e positiva, tornando natural o reconhecimento e a relevância da profissão para a sociedade.

2. A pesquisa

A pesquisa realizada teve por objetivo geral verificar de que forma os bibliotecários e o corpo docente, no Brasil, constroem a imagem profissional do bibliotecário e se os fatores que representam essa imagem são positivos.

O pressuposto foi o de que a auto-imagem profissional dos bibliotecários no Brasil é influenciada por diversos fatores que podem redundar em uma visão mais positiva ou mais negativa da profissão. Assim, o levantamento de dados buscou identificar que fatores contribuem para tal visão, envolvendo questões relacionadas a salário, motivação na escolha do curso, avaliação do curso realizado, sexo, idade, influência do corpo docente e de outros profissionais no processo de formação, tipo de unidade de informação e atividades realizadas pelos bibliotecários.

O problema que norteou a pesquisa teve relação com o exercício profissional dos bibliotecários e também com outros aspectos, tais como: a formação profissional, o mercado em que atuam, a idade, a noção de valorização profissional, o sexo, os conteúdos programáticos dos cursos, os salários e as atividades realizadas. Além desses, quais seriam as influências recebidas das escolas, dos organismos representativos da categoria, de colegas, de outros perfis que emergem na área de informação com cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e das tecnologias. De forma análoga, buscou-se perceber essas mesmas questões sob a ótica dos docentes, nesse caso acrescentando-se o aspecto de ingresso no curso e da forma como os professores percebem seus alunos e o interesse deles pela profissão, entre os demais temas tratados.

Desse modo, chegou-se à questão central da pesquisa, sintetizada na pergunta: que fatores influenciam a auto-imagem profissional dos bibliotecários no Brasil?

O estudo foi efetuado por meio de uma pesquisa quantitativa, junto a uma amostra de bibliotecários em atividade no Brasil, realizando um *survey*, com utilização

de questionários enviados pelo correio, por arquivo anexo a mensagem eletrônica, ou, ainda, respondidos diretamente na Internet.

No que se refere ao corpo docente, a pesquisa foi qualitativa, o que, conforme Richardson *et al.* (1999, p. 80), é utilizada em

Situações em que se evidencia a importância de uma abordagem qualitativa para efeito de compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos devido à complexidade que encerra. Nesse sentido, temos estudos dirigidos à análise de atitudes, expectativas, valores etc.

Para esse grupo, optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas, por permitirem maior aprofundamento. As questões tinham o mesmo conteúdo das perguntas formuladas aos bibliotecários, de forma a possibilitar a comparação das percepções.

Em outro segmento foi realizada pesquisa documental dos projetos pedagógicos e dos currículos dos cursos vigentes nas Escolas às quais pertenciam os professores entrevistados, por meio da qual foi verificada a ênfase em disciplinas das áreas que envolvem conhecimentos sobre organização de conteúdos, gestão, tecnologia da informação e aquelas cuja proposição fosse mais voltada ao estudo dos aspectos sociais. Para esse segmento da pesquisa, buscou-se identificar se os currículos dos cursos de graduação podiam ser considerados indicadores de tendências de formação, em contraponto com os fatores detectados da auto-imagem profissional dos bibliotecários.

Outro ponto de pesquisa documental foi efetuado em relação às normas vigentes relacionadas com o exercício da profissão bibliotecária no Brasil e a interpretação dos dados foi feita por meio de análise de conteúdo que, conforme Bardin (2007, p. 37), é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O cruzamento de todas essas informações com os dados obtidos junto aos professores entrevistados indica tendências de ensino que, estudadas em conjunto com as respostas dos bibliotecários, permitiram analisar a influência ou o efeito da formação profissional recebida na construção da auto-imagem profissional dos bibliotecários.

Ainda, para comparar dados e informações obtidos, foram verificadas, dentre as práticas da profissão,

quais as mais destacadas pelos bibliotecários e pelo corpo docente, para os participantes desta pesquisa.

O quadro de amostra incluiu os respondentes dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal, na região Centro-Oeste; Bahia, Sergipe, Piauí e Ceará, na região Nordeste; Espírito Santo e São Paulo, na região Sudeste; e Rio Grande do Sul e Santa Catarina, na região Sul, e a seleção da amostra foi sistemática. A região Norte não foi incluída na pesquisa pela impossibilidade de acesso aos cadastros dos bibliotecários, que foram fornecidos, nas demais regiões, pelos respectivos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB).

O questionário esteve acessível para um conjunto de 3.973 profissionais, tendo sido recebidas 488 (12,31%) respostas.

Com relação às entrevistas, o estudo foi exploratório, tendo sido selecionados, por amostra intencional, seis professores, sendo um de cada estado das quatro regiões pesquisadas, com exceção da região Centro-Oeste. Essa delimitação foi feita em função dos custos da pesquisa. Além disso, como característica de seleção dos docentes somente foram definidos dois itens: que não tivessem como principal linha de pesquisa o estudo da profissão e dos profissionais e que atuassem necessariamente na graduação. Se cursaram ou não Biblioteconomia como formação básica na graduação não foi um aspecto considerado relevante.

Os dados apresentados devem ser compreendidos no âmbito desta pesquisa, não podendo ser considerados para a população de bibliotecários membros dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia - CRB de todo o País, em função da forma de seleção das amostras, que não foi probabilística. Assim, esses resultados devem ser entendidos como indicadores de tendências, mas não como retrato da população dos profissionais em exercício no País. Neste texto, procura-se mostrar e salientar alguns resultados obtidos na pesquisa.

2.1 As escolas e seu contexto de atuação

Dentre as escolas pesquisadas nos Estados da Bahia, Santa Catarina, São Paulo, Goiás e Distrito Federal todas estão localizadas na capital, com exceção do Estado de São Paulo, que possui escolas no interior. A vinculação varia desde Faculdades de Administração até Matemática, havendo pouca coincidência.

O curso é concluído, em média, em oito semestres e, pelas grades curriculares disponíveis, percebe-se que há poucas variações em relação ao conjunto das disciplinas. Todos os cursos procuram formar profissionais com conhecimentos gerais sobre a profissão e suas técnicas e alguns buscam ampliar esses conhecimentos com disciplinas de conhecimentos gerais, sendo que predomina o ensino de

idiomas, de português e de história. Os professores em geral possuem graduações variadas, havendo predominância de bibliotecários em poucas escolas e a formação de pós-graduação *stricto sensu* é maior nas instituições públicas.

Em síntese, em todos os cursos, a proposta é formar um profissional moderno, com visão de futuro, em condições de atuar em qualquer ambiente onde haja necessidade de informação, preparado para coletar, organizar, tratar, disseminar e mediar informação, independentemente de suporte, sendo que o caráter social da profissão é ressaltado com maior ou menor ênfase em todas, pelas informações das escolas nas páginas da Internet que falam sobre a profissão e sobre a carreira.

2.2 Os bibliotecários

A literatura técnica e o imaginário popular associam os bibliotecários a diversos estereótipos que incluem questões de gênero e de comportamento. Com relação ao sexo, a maioria dos respondentes foi do sexo feminino (88%), reforçando a percepção de que esta é uma profissão com predominância de mulheres. Ainda assim, encontram-se, em textos técnicos, opiniões como a de Carvalho (2007), que trazem um reforço negativo tanto para os bibliotecários quanto para as mulheres: “Historicamente, a biblioteconomia apresenta um perfil predominantemente feminino, contribuindo, assim para emperrar o desenvolvimento da profissão [...]”.

A indicação acerca da formação profissional mostrou que aproximadamente 50% dos profissionais que responderam à pergunta (486) prosseguiram os estudos, sendo que, destes, a maior parte optou pela especialização 45% (220 bibliotecários), 9,5% (46) indicaram possuírem mestrado e 1,4% (7) doutorado. Alguns bibliotecários informaram, também, terem feito outros cursos de graduação.



Figura 2 – Maior formação acadêmica

É recorrente, na literatura e nos discursos dos bibliotecários, a associação da escolha do curso com a maior facilidade de ingresso e que a maioria dos estudantes desconhece a carreira de Biblioteconomia, suas práticas e seu alcance de trabalho. Entretanto, as respostas dos bibliotecários, sobre a forma como conheceram o curso, foram bastante variadas, predominando, porém, a experiência com o ambiente de informação, seja por trabalhar na área como auxiliar, ou por frequentar bibliotecas, ou, ainda, por conviver de algum modo com bibliotecários. Quanto à motivação para a escolha da carreira, a maior parte das respostas concentrou-se no gosto pela leitura e pela pesquisa.

Esses dados são reveladores da importância do contexto, das informações prévias e dos profissionais que atuam no mercado, para tornar a profissão atraente e capaz de responder às demandas dos indivíduos, relacionadas à satisfação profissional ou pessoal.

Embora trabalhar com recuperação, organização, tratamento e disseminação de informação possa ser inserido em diferentes contextos de atuação, pode-se inferir, pelos dados, que o grupo dessa pesquisa atua em postos mais tradicionais, concentrando-se em bibliotecas (públicas, escolares, especializadas, universitárias), arquivos e centros de documentação. Do mesmo modo, quanto à remuneração recebida, os bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas e escolares estão inseridos no grupo que tem a menor faixa salarial, o que revela, talvez, o olhar do País para a educação e para o acesso público e gratuito à informação. Alguns profissionais revelaram receber menos de R\$450,00, quando o salário mínimo era de R\$380,00 (época de realização da pesquisa).

Apesar de os governos, em todas as esferas, ressaltarem a importância da leitura e da educação para o desenvolvimento socioeconômico da população, mesmo os projetos de instalação de bibliotecas em todos os municípios brasileiros não vêm acompanhados do reconhecimento da necessidade de colocação de profissionais para atuarem nesses segmentos. A percepção de que qualquer pessoa pode realizar o trabalho em uma biblioteca é recorrente e os jornais ressaltam aquelas criadas por voluntários e com doações, utilizadas livremente e sem regras pela comunidade, ocupando um espaço que o Estado está deixando livre. Isso sem falar na quase inexistência de bibliotecas escolares, nas esferas pública e privada.

Sobre as atividades realizadas, de modo geral elas tratam do que se pode denominar “núcleo duro” da Biblioteconomia, ou seja, as atividades de organização e tratamento de coleções e as pesquisas e o atendimento a necessidades de informação de usuários. Outras atividades como planejamento, gerência e projetos não se destacaram nas respostas recebidas. Esse é outro dado que in-

comoda, pois ainda que os profissionais dediquem-se às atividades técnicas, não mencionar nenhuma forma de planejamento ou realização de projetos pode indicar uma espécie de imobilidade profissional e a confirmação de muitos textos da área, que apontam para o exercício pouco profissionalizado. É como se uma vez aprendida e apreendida uma tarefa, não haja mais necessidade de planejamento e de realização de projetos, pois não se vislumbram perspectivas de mudanças. As críticas dos próprios bibliotecários com essas situações foram bastante contundentes. Perguntados sobre os estereótipos associados aos bibliotecários, um dos profissionais assim se manifestou:

- A imagem que persiste, ainda, é de uma mulher com óculos, vestida de forma austera e muito disciplinada. No que se refere às atividades, a imagem é de um profissional que toma conta de livros, faz as fichas de catalogação e empresta os livros. Uma parte dos profissionais bibliotecários já mudou essa imagem porque trabalha em instituições que promovem a mudança, e exigem isso, muitas vezes provocada pela inclusão de novas tecnologias. Outros profissionais, por estarem distante de situações novas, com novas idéias, novos recursos, não percebem as mudanças ou quando percebem não estão motivados para isso. (Bibliotecário 430, 51, fem., 1978)

Um dos pontos abordados foi acerca das competências mais importantes para a formação dos bibliotecários, de forma que sejam profissionais da informação competitivos. Nesse caso, nas 462 (94,67%) respostas recebidas para a questão, as referências aos usuários foram uma constante, sendo recorrente a associação entre um determinado item e a atividade de atendimento e a função de mediar, suprir ou mesmo antecipar as necessidades de informação das pessoas que recorrem aos serviços profissionais dos bibliotecários, explicitamente colocados por 146 respondentes.

Dentre outras qualidades listadas pelos bibliotecários foram incluídos elementos que se encaixam nos diferentes atributos relativos a conhecimentos, habilidades e atitudes: a agilidade mental, o raciocínio lógico, a habilidade com pesquisa, a habilidade para tratar a informação, a organização, a capacidade de síntese, a competência para planejar atividades, serviços e produtos em unidades de informação, a importância de conhecer normas, técnicas biblioteconômicas e fontes de informação, e a atuação para disseminar informações, foram relacionadas em 362 questionários (78,35%).

Foram, também, 261 (56,49%) respostas relacionadas a comportamentos como possuir sensibilidade para o próximo, ser dinâmico, analítico, bem humorado, perseverante, elegante, cordial, alegre, diplomático, se-



reno, responsável, disciplinado e atencioso. Curiosidade e criatividade foram igualmente identificadas como importantes, assim como estar atentos ao aprendizado contínuo que a profissão requer; e muitos ressaltaram que era fundamental gostar do que fazem. Os conhecimentos gerais, somados aos de informática e aos idiomas totalizaram 171 ocorrências (37,01%).

Note-se que é não é incomum associar o adjetivo profissional ao substantivo bibliotecário, o que não se verifica na alusão a outras profissões. Não se vê a menção ao profissional médico, profissional enfermeiro ou profissional advogado. A associação desse adjetivo parece querer reforçar que os bibliotecários também são profissionais, o que pode indicar mais uma tentativa de melhorar a visibilidade ou mesmo de buscar o reconhecimento social.

Ainda sobre a relação dos conhecimentos, habilidades e atitudes desejáveis ou que distinguem o bibliotecário de outros profissionais da informação, alguns questionários levantaram problemas em relação à atitude de seus pares como apegados ao passado, dissociados das demandas de seus usuários e avessos ao aprendizado contínuo.

Quanto à tendência dos bibliotecários serem acomodados, 85% das respostas foi afirmativa. Mesmo se tratando de uma pesquisa específica, cujos dados não podem ser extrapolados para toda a população de profissionais, parece relevante manter essa informação de modo latente, pois além de ser uma avaliação bastante negativa, demonstra que, de modo geral, os bibliotecários se percebem tendentes a se acomodarem em situações diversas.

Ainda com relação a essa visão foi feita uma pergunta acerca da percepção dos profissionais sobre os colegas, em relação à resistência a mudanças. Novamente os sujeitos da pesquisa apontaram que concordam ou concordam totalmente em 328 casos (69,5%).

Esse olhar sobre os bibliotecários também foi usado para identificar de que forma o grupo dessa pesquisa se posicionava em relação à afirmativa de que o apego aos detalhes e uma maior preocupação com forma do que com o conteúdo era a tônica dos demais colegas de profissão. Nesse caso não foi possível definir uma tendência, pois 231 (49,1%) concordaram ou concordaram totalmente e 240 (51%) discordaram ou discordaram totalmente. Esse “empate técnico” parece indicar a existência de uma zona nebulosa de visão sobre a forma de atuação profissional, que igualmente se diferencia de Oliveira (1980), ao assinalar que a maioria dos bibliotecários pesquisados naquela ocasião não concordava com essa classificação de seu trabalho.

Mas nenhum dos aspectos mais negativos associados ao comportamento e à percepção sobre os demais profissionais teve, sobre o grupo pesquisado, impacto

suficiente para que expressasse desejo de mudar de profissão. Indagados sobre essa possibilidade, 84,1% (366 bibliotecários) dos casos válidos (435) discordaram ou discordaram totalmente. Esse é um dado relevante de ser explorado na medida em que revela que, a despeito das dificuldades percebidas pelos profissionais, sua expectativa não é de abandono da profissão. As razões para continuarem na profissão seria uma vertente do estudo, já que esse aspecto não foi explorado, e as respostas obtidas poderiam ser um norteador das atividades das organizações representativas da categoria e das escolas, no sentido de aprofundarem esse aspecto, que parece reforçar uma visão positiva da categoria sobre a própria profissão.

Outra questão tratava do orgulho do respondente de informar acerca de sua profissão. A porcentagem dos que concordam ou concordam totalmente foi de 83% (422), o que aparentemente demonstra que, apesar da acomodação dos pares, das dificuldades em obter recursos para o próprio trabalho e da falta de uma opinião definida acerca da forma de realização das atividades, isso não influencia a visão que o profissional tem de si mesmo e o orgulho que tem da profissão. Essa questão se coaduna com o que foi respondido quando indagados se aconselhariam um amigo a seguir a carreira bibliotecária. Nesse caso, 391 bibliotecários (87,5%) concordaram ou concordaram totalmente, sugerindo que essa é uma opção a ser considerada pelas pessoas próximas.

Considerando, também, o aspecto social da profissão e o quanto os usuários mostraram-se presentes no exercício profissional, na percepção dos participantes dessa pesquisa, perguntados sobre a disponibilidade para atendimento de necessidades de informação de usuários, 85,6% (411) dos bibliotecários concordou ou concordou totalmente com essa afirmativa, em 480 casos válidos.

2.2.1 A Biblioteconomia na visão dos bibliotecários

Outro ponto abordado pela pesquisa foi de que modo os profissionais percebiam a Biblioteconomia. Um dos aspectos foi a legislação que regulamenta a profissão e a adequação de sua abrangência ou sua ampliação, visando preservar a reserva de mercado em outros segmentos de informação.

A maioria dos respondentes (82,4%) concordou ou concordou totalmente com a proposição de ampliação da reserva de mercado para outras unidades de informação que não somente as bibliotecas. Como não foi perguntada a razão para uma ou outra opinião, seria oportuno investigar esse dado, cujas razões poderiam variar desde a proteção da categoria, propriamente dita, até a garantia de que, nas unidades de informação, atuem pessoas preparadas para esta finalidade. Conforme outros dados coletados, em várias circunstâncias os bibliotecários coloca-

ram que são confundidos com qualquer pessoa que esteja fornecendo informações ou que trabalhe nas unidades de informação, e que essa pode ser uma das causas para o baixo reconhecimento social da profissão. Assim, essa desinformação ou desconhecimento do público em geral sobre as competências dos bibliotecários seriam minimizadas se os profissionais que atuam nesses segmentos de fato tivessem habilitação para ocuparem tais posições, elevando a qualidade dos serviços para os usuários e, em certa medida, o reconhecimento social para a profissão.

Outro ponto perguntado foi se o atendimento ao usuário é a atividade que melhor traduz a profissão bibliotecária. Os dados sugerem que a visão dos bibliotecários sobre a profissão não parece ser focalizada apenas nos usuários, mas tem uma dimensão maior, já que a diferença entre os que concordam e discordam é pequena. Embora a tendência, para os participantes desta pesquisa, pareça ser a associação da atividade bibliotecária com os usuários, há uma parcela significativa para a qual a profissão tem outros pontos que a caracterizam, como, por exemplo, a organização da informação, apontada como possuindo papel de destaque com relação à caracterização da área.

Sobre as poucas oportunidades de ascensão funcional a cargos de direção fora das bibliotecas, foi observada uma tendência de concordância em 337 dos 469 casos válidos. Nesse caso, 71,8% dos profissionais que participaram desta pesquisa percebem que atingir cargos de chefia restringe-se a espaços tradicionais de atuação, o que é compatível com a resposta à pergunta sobre as dificuldades de obtenção de recursos pelos bibliotecários.

Esses sentimentos de restrição de esfera de ação e de possibilidades de melhoria poderiam ser creditados à pouca aceitação das competências dos bibliotecários fora das paredes das bibliotecas. Acrescente-se a isso outro fator que, na percepção dos bibliotecários, não contribui para melhorar sua imagem perante a sociedade, relacionado à dificuldade das pessoas de distingui-los de outros profissionais que atuam nas unidades de informação (auxiliares de bibliotecas, técnicos ou outros). Nesse sentido, como esses outros profissionais não possuem

competência para atuar do mesmo modo que os bibliotecários, essa deficiência no trabalho estaria associada de forma equivocada aos bibliotecários, diminuindo, assim, a expectativa social para a profissão e, conseqüentemente, suas perspectivas de ascensão.

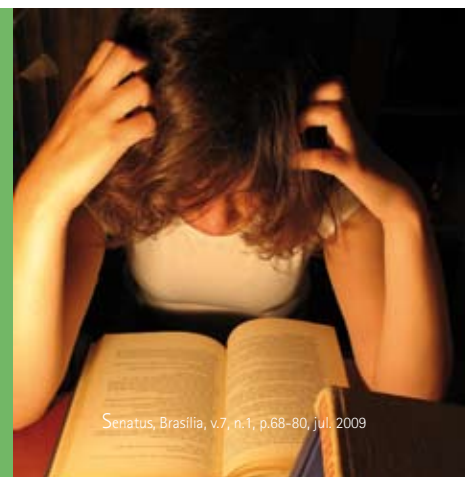
Em relação às fronteiras, tanto no aprendizado quanto no exercício profissional, foram feitas duas afirmativas relacionadas às tecnologias de informação e à gestão do conhecimento. Na primeira, a maioria (84,3%) discordou da afirmativa de que o melhor perfil para atuar com gestão do conhecimento, seria dos profissionais da informática. Essa percepção de posicionamento indica que os bibliotecários se sentem aptos a atuar nessa atividade, o que parece positivo em termos de abranger outras formas de organização e tratamento de informação, de certo modo diferenciados dos modelos e modos tradicionais. De toda forma, essa foi uma das disciplinas sugeridas para inclusão em sua formação profissional.

Finalmente, indagados acerca da diminuição da importância da profissão, considerando-se a automatização de produtos e serviços de informação, novamente a maioria discordou (93,5%). Os estudos disponíveis na literatura técnica realmente apontam para uma visão bastante positiva dos bibliotecários em relação à introdução das tecnologias em seu ambiente de trabalho. Esse fenômeno já havia sido verificado por Cunha (1984), que constatou a influência positiva das tecnologias no trabalho dos bibliotecários e também na percepção dos usuários. Vários autores indicam que as tecnologias de informação e de comunicação de fato causaram um forte impacto no trabalho com a informação.

2.2.2 O mercado de trabalho e as tecnologias de informação

Com relação à percepção dos bibliotecários sobre as relações de trabalho, a satisfação no trabalho, as formas de atuação profissional e, ainda, as tecnologias de informação, a maioria dos respondentes (81,9%) concorda que gerência de bibliotecas e serviços de informação deveriam ser atribuições exclusivas dos bibliotecários. Nesse sentido, a avaliação sobre a ampliação da legislação de proteção e reserva de mercado tem sentido, já que parece

[...] a desinformação ou desconhecimento do público em geral sobre as competências dos bibliotecários seriam minimizadas se os profissionais que atuam nesses segmentos de fato tivessem habilitação para ocuparem tais posições, elevando a qualidade dos serviços para os usuários e, em certa medida, o reconhecimento social para a profissão.



haver uma inclinação dos bibliotecários dessa pesquisa em concordarem com essa possibilidade. Ressalte-se que não foi perguntada a razão das respostas, o que pode configurar tanto uma reserva normativa de mercado quanto a preocupação de que os usuários sejam atendidos por profissionais qualificados.

Em relação aos chefes não bibliotecários, verificou-se que, no caso de ocorrência dessa realidade, 65,1% dos respondentes concordam que mesmo sem serem bibliotecários os chefes compreendiam e respeitavam o trabalho realizado por eles. Assim, pelos dados levantados parece que a relação dos bibliotecários com seus chefes não bibliotecários é percebida de modo positivo, contra 34,9% dos que discordaram ou discordaram totalmente dessa afirmativa.

Foi indagado se o material em papel era o suporte mais constante do trabalho dos bibliotecários. Dentre os respondentes, a maioria (80%) discordou. Isso demonstra que outros suportes passaram a ocupar uma parcela significativa do trabalho realizado, o que se explica pela criação das bibliotecas digitais, pela realização de pesquisas quase que exclusivamente em meio eletrônico e pelo crescente número de publicações em meio eletrônico que, cada vez mais, integram as coleções ou os serviços prestados.

Essa situação parece ocorrer mesmo em ambientes considerados mais tradicionais, como as bibliotecas, local de trabalho da maioria dos respondentes da pesquisa. Isso pode significar que as ações de treinamento, seja na graduação ou nos programas de pós-graduação, requerem uma atenção especial no sentido de dotar os profissionais de competências para lidarem com esse acervo eletrônico ou em outras mídias, conforme disposto na literatura que trata de formação profissional relacionada às tecnologias de informação.

Sobre esse ponto, a pesquisa visava à identificação, não apenas de potenciais alterações nos suportes do trabalho, mas também das formas de atendimento aos usuários. Nesse caso, para 70,1% dos respondentes o atendimento presencial dos usuários é a forma predominante de mediação da informação. Esse dado mostra, no universo desta pesquisa, que a presença física ainda é mais

constante do que o atendimento remoto, seja ele por correio eletrônico ou outras formas, ainda que os sistemas de informação estejam caminhando para a independência desses usuários, com possibilidades antes inimagináveis como a gestão pessoal de seus empréstimos e renovações, remodelando, inclusive, as relações de confiança da organização com aqueles aos quais atende.

Ainda com relação aos usuários, foram feitas outras perguntas para verificar o impacto das tecnologias no atendimento de usuários, que poderia ter redundado em diminuição da importância do bibliotecário nessa atividade. A maioria (82,3%) discordou desta afirmativa. Essa afirmativa parece apontar para o fato de que as relações entre bibliotecários e usuários ainda requerem atenção na fase de formação profissional. Independentemente do distanciamento físico, ainda é necessário que o profissional esteja apto a reconhecer as necessidades de informação de seus usuários e a atuar de forma a construir serviços e produtos adequados ao seu público, o que somente será possível se estiver preparado tanto para atuar na própria biblioteca, quanto por meio dos espaços digitais.

Considerando-se também as discussões acerca da maior ou menor importância de um ou outro serviço nas unidades de informação, polarizada entre o pessoal do tratamento técnico e o de atendimento, perguntou-se se o serviço de atendimento a usuários é mais valorizado do que o de tratamento técnico. Verificou-se que 311 (69,4%) bibliotecários concordaram ou concordaram totalmente com essa afirmativa embora, em outro segmento do questionário, a organização da informação tenha sido apontada por mais pessoas como a atividade que mais caracteriza a atuação profissional. O relevante dessa afirmativa é que os profissionais atribuem valor às diferentes atividades realizadas, e aprofundar essa pesquisa permitiria conhecer em que medida isso afeta o olhar e a escolha profissionais no futuro. Por isso, parece importante reforçar o aprendizado naqueles trabalhos que são menos valorizados, inclusive pelo próprio grupo ocupacional.

Sobre a relação do bibliotecário com a organização para a qual empresta sua força de trabalho, fo-



[...]as relações entre bibliotecários e usuários ainda requerem atenção na fase de formação profissional. Independentemente do distanciamento físico, ainda é necessário que o profissional esteja apto a reconhecer as necessidades de informação de seus usuários e a atuar de forma a construir serviços e produtos adequados ao seu público[...]

ram formuladas duas questões: a primeira, relacionada ao mundo da qualidade e da percepção do profissional sobre a importância de seu trabalho, para que a organização atinja seus objetivos, indica que essa percepção é positiva, pois a maioria concordou ou concordou totalmente com ela. O fato de essa constatação ser positiva, mesmo que restrita ao ambiente dessa pesquisa, parece indicar o grau de pertencimento dos profissionais com relação à organização, já que se reconhecem nos resultados obtidos pela instituição, em sua esfera de responsabilidade.

Essa visão positiva, entretanto, não parece se traduzir na percepção de oportunidades de crescimento na carreira e no progresso profissional, já que metade dos respondentes não reconhece essa possibilidade em seus locais de trabalho.

Se as instituições não possuem planos de carreira para seus empregados de modo geral ou se esse fato é relacionado com os bibliotecários é um ponto a ser estudado mais detidamente e, dependendo dos resultados, é preciso definir ações específicas para que a situação seja modificada. O sentido de progressão na carreira pode servir de impulso para que qualquer profissional invista mais em ações de treinamento, em proposições novas ou, ainda, para que atue no sentido de valorizar a informação para aquela comunidade específica, seja ela uma universidade ou uma indústria.

A segunda pergunta foi sobre as possibilidades de realizar o trabalho sem maiores obstáculos, demonstrando, pelos dados coletados, que a diferença entre os que concordaram e os que discordaram foi apenas de 9% (245 bibliotecários, 54,7%, concordaram, enquanto 203, 45,3%, discordaram).

Apesar de a maioria dos respondentes (63,1%) ter discordado da afirmação de que as atividades realizadas pelos bibliotecários são rotineiras, houve uma parcela significativa que concordou (36,9%). Cruzando essa informação com o fato de uma grande parte dos profissionais rea-

lizar apenas uma atividade em suas unidades de trabalho, conclui-se que isto não significa uma percepção de monotonia de atividades, uma vez que a maior parte discordou ou discordou totalmente.

Perguntados se gostam de imobilidade e de pouca ou nenhuma mudança nas organizações – o que seria condizente com a opinião sobre a tendência à acomodação dos demais bibliotecários – houve discordância total em 87,5% dos casos válidos. Isto parece indicar que, mesmo avaliados como acomodados pelos próprios pares, as mudanças nas unidades de informação não são percebidas como negativas.

2.2.3 Sobre a formação profissional

Acerca da formação profissional, foram avaliadas as opiniões dos bibliotecários sobre os professores dos cursos, as disciplinas cursadas e sua aplicação efetiva no mundo do trabalho, e sobre os profissionais nos estágios extra-curriculares.

A maioria dos respondentes (74,3%) concorda que há comprometimento dos professores com a qualidade de ensino. Da mesma forma, 65,2% dos respondentes acreditam na influência dos professores na imagem da profissão, adquirida no período de formação. Mas não se pode desconsiderar que 34,3% discordam que os professores tenham tal influência.

De todo modo, não se pode definir esse dado como desconhecido, na medida em que os profissionais aprendem e apreendem os caminhos da profissão por intermédio dos docentes, de quem absorvem a visão sobre cada segmento específico, tornando sua ação bastante significativa e relevante em todos os aspectos. Seu grau de responsabilidade, seu envolvimento com a profissão, as pesquisas que realizam e a projeção que têm são aspectos que parecem estar sob avaliação e absorção dos alunos, e que merecem ser pensados e estudados. A satisfação dos professores com seu trabalho e sua realização profissional podem ser aspectos merecedores de estudos mais aprofundados, especialmente se confrontados com a percepção dos profissionais sobre o valor de uma determinada atividade em detrimento de outras, o que pode estar relacionado com a forma como a disciplina é ensinada ou, ainda, com uma influência da opinião dos docentes.

Nesse sentido, o trabalho de Ganzarolli (2003) chama a atenção por analisar a formação dos professores de Biblioteconomia e Ciência da Informação, já que não existe licenciatura para a área, o que reforça a necessidade de atenção no ingresso dos docentes nos cursos. Em sua pesquisa, a autora relata os caminhos para profissionalização continuada dos docentes. Para Ganzarolli (2003), “Nas reflexões feitas ficou evidente o quanto é preciso



– nós professores – pesquisarmos sobre nossa própria condição de docentes do ensino superior.” Complementado seu pensamento, a autora constata que, em decorrência das demandas cotidianas e pelo volume de trabalho dos docentes, “[...] muitas vezes deixamos de pensar sobre ser professor, sobre a dimensão de nossa profissão, das nossas ações dentro da sala de aula e nos contextos maiores como a sociedade na qual estamos em constante interação.”

Conforme dados reforçados pela análise das características gerais das escolas estudadas, verificou-se que os professores dos cursos de Biblioteconomia e Documentação possuem formações variadas. Independentemente da formação básica, entretanto, merece destaque a colocação de Guimarães (2004, p. 91) quando, acerca da responsabilidade dos docentes, disse que:

[...] à área acadêmica (instituições de ensino e pesquisa na área, em seus distintos níveis) cabe assumir o seu duplo papel, de formação profissional para um mundo diversificado e em constante mudança, buscando não apenas formar para as contingências de hoje, mas para as perspectivas do amanhã e, também, de criação de novos mercados profissionais.

Perguntados se os conhecimentos adquiridos no curso são inúteis fora da área de Biblioteconomia e de Informação, a maioria dos respondentes (89,4%) discordou, o que sugere uma percepção da possibilidade de atuação em segmentos diferenciados.

Se bem que, quando indagados sobre os nichos de atuação profissional mais adequados, relacionados à formação recebida, as indicações foram todas, de algum modo, identificadas com o segmento de informação.

Talvez seja interessante investigar se a dificuldade em verbalizar os segmentos nos quais seriam úteis estaria relacionada à formação eclética que os bibliotecários recebem e que parece capacitá-los a absorver inúmeras atividades. Trabalhar com informação é uma questão quase que inerente a toda a atividade humana, mesmo em graus e modos diferenciados, e talvez resida, aí, a percepção dos bibliotecários de sua capacidade em atuar, com os conhecimentos adquiridos nos cursos, em diferentes searas.

Questionados, ainda, sobre a relação entre o que aprendem e a realidade de sua atuação, novamente a maior parte (72,2%) dos participantes desta pesquisa concordou ou concordou totalmente, indicando que os conhecimentos adquiridos foram válidos em suas atividades profissionais. Isto é observado quando se

analisa as grades curriculares das escolas: os currículos são abrangentes, inserem disciplinas que cobrem todo o ciclo documentário e, caso de grande parte das escolas analisadas, possuem abertura para disciplinas de formação humanista e de conhecimentos gerais.

Muitos respondentes reconheceram que a formação já seria suficiente, mas que faltaria desenvolver um outro aspecto das competências, aquele que trata das atitudes. Em certo sentido, essa colocação tem relação com o relato apresentado por Mueller (1984, p. 160) acerca da discussão sobre a compatibilização do ensino de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia:

1.3 O contexto geral da formação profissional foi identificado como a necessidade de se produzir pessoal competente para a demanda existente e futura. Atitudes foram consideradas mais importantes que práticas, e assim, se sugeriu a criação de cursos capazes de formar pessoal receptivo a mudanças e desenvolvimento na demanda de informações.

A maior parte dos bibliotecários respondentes (80,2%) concordou que deveria haver, na grade curricular,

maior peso nas disciplinas relacionadas com as tecnologias de informação. Essa resposta é compatível com os dados de outra questão formulada, em que as disciplinas relacionadas às tecnologias figuraram entre as mais sugeridas pelos bibliotecários, o que indica tratar-se de um campo a ser explorado, apesar de constarem, em todas as grades, no

mínimo duas disciplinas sobre o tema.

Ainda nessa perspectiva das tecnologias, entretanto, quando colocados diante da afirmativa de que “Aprender a desenvolver sistemas de informação na universidade é mais importante que aprender a organizar conteúdos de informação”, 83,2% dos respondentes discordaram ou discordaram totalmente, o que parece indicar que os profissionais têm consciência da importância de conhecer, com mais profundidade, as tecnologias. Reconhecem, porém, que sua maior habilidade deve ser centrada no tratamento dos conteúdos, o que parece corroborar a opinião dos integrantes desta pesquisa de que a organização da informação é o que mais caracteriza a área.

Por outro lado, parece persistir a sempre lembrada disputa entre a erudição e as técnicas, que remonta às origens das criações dos cursos de Biblioteconomia. Novamente, a maior parte dos bibliotecários desta pesquisa (96,6%) assinalou a importância da formação humanista para atuar em diferentes unidades de informação.

Trabalhar com informação é uma questão quase que inerente a toda a atividade humana, mesmo em graus e modos diferenciados, e talvez resida, aí, a percepção dos bibliotecários de sua capacidade em atuar, com os conhecimentos adquiridos nos cursos, em diferentes searas.

Esse dado, confrontado com a opinião de alguns dos professores entrevistados, que constataram a falta de uma formação mais sólida dos alunos dos cursos de Biblioteconomia em geral, pode indicar que essa opinião está mais relacionada à deficiência de uma formação anterior que os profissionais acreditam poder diminuir na universidade. Daí a importância atribuída de forma tão expressiva, nesta pesquisa, sobre a formação humanista, que foi apontada por muitos bibliotecários.

Outro ponto recorrente sobre a formação profissional dos bibliotecários é se deveriam ter algum tipo de especialização para se manterem competitivos. Para essa pergunta, embora a diferença entre o grupo que concorda e o que discorda tenha sido pequena, houve alguma tendência de concordância, já que 55,6% (261) concordaram ou concordaram totalmente, enquanto que 44,3% (208 bibliotecários) discordaram ou discordaram totalmente.

Por fim, quanto à percepção acerca dos profissionais em exercício no processo de formação profissional, a perspectiva foi positiva quanto a considerá-los bons exemplos em 338 (71,8%), dos 471 casos válidos, o que reveste o estágio extra-curricular de uma importância maior.

2.3 Os docentes

A pesquisa junto aos professores teve um caráter exploratório e foi realizada por meio de entrevistas, para as quais foram selecionados cinco docentes, sendo um de cada estado, com exceção de Santa Catarina, onde dois professores foram entrevistados. Todos atuam em instituições públicas, de âmbito estadual ou federal.

A seleção levou em conta apenas duas questões: que os professores não tivessem, como linha de pesquisa, o profissional da informação ou o bibliotecário e que atuassem na graduação, formando bacharéis em Biblioteconomia. O grupo contou com quatro mulheres e dois homens, com média de idade de 49 anos, cinco com doutorado concluído e um cursando. Todos atuam como docentes

em média há 11 anos, sendo que o professor há mais tempo na docência tem 23 anos de experiência e os que têm menor tempo atuam há quatro anos como professores.

Dos professores entrevistados, dois possuem graduação em outras áreas – Processamento de Dados e Ciências Sociais – e os demais em Biblioteconomia. O tempo médio de graduação é de 27,2 anos, para cinco professores que informaram as datas de conclusão; apenas dois professores informaram possuir cursos de especialização. O tempo de mestrado, por sua vez, é, em média, de 16 anos e, o de doutorado, de sete anos (sem considerar aquele que ainda não terminou a formação). Os cursos de doutorado estão assim distribuídos: quatro na área de Ciência da Informação, um na área de Engenharia de Produção e um na área de Ciências Sociais.

Parte da entrevista tinha por objetivo identificar de que modo os professores introduzem, tratam ou consideram relevante desenvolver, no âmbito de suas disciplinas, os temas relacionados a valores, atitudes, identidade e exercício profissional dos bibliotecários.

Alguns docentes destacaram que a atitude do aluno, no processo de formação, certamente será a mesma em sua atuação profissional. Isto é, se ele foi um aluno desinteressado, dificilmente será um profissional engajado, consciencioso e ativo, e terá pouca probabilidade de se sentir realizado. A experiência dos professores também reforça o tema da atitude acomodada e pouco interessada dos bibliotecários, tão tratado na literatura. Alguns relacionaram essa atitude à motivação dos alunos na hora da escolha do curso, acreditando que não o fazem por vocação, mas por ser a única porta de entrada em universidades públicas.

Outros docentes apontaram para a ignorância acerca do que faz um bibliotecário ou sobre a associação do profissional ao estereótipo de “velha que fica na biblioteca pedindo silêncio”. Houve, também, a identificação de que a origem socioeconômica dos alunos seria

das classes menos favorecidas, com formação educacional deficiente, o que se refletiria, inclusive, no planejamento das aulas.

Houve uma certa concordância quanto aos fatores negativos que associaram baixo desempenho, com baixa auto-estima, pouca ou nenhuma vocação para a profissão e com a utilização do curso como degrau para outros caminhos, como concursos públicos em qualquer área que exija nível superior.

Entretanto, há outros pontos de vista e perspectivas sobre o assunto, de docentes que acreditam na influência dos professores em todos os pontos abordados e que, alguns deles, por algum motivo frustrados, passavam essa visão aos alunos.

O mercado que absorve os profissionais egressos dos diferentes cursos está intimamente vinculado à questão da formação profissional. Alguns professores apontaram a preocupação dos discentes acerca da sobrevivência da profissão, das disputas no mercado de trabalho e, também, das próprias visões dos nichos que eles, docentes, percebem serem os mais adequados aos bibliotecários, pela formação que recebem. Sobre este último ponto, as perspectivas mais pessimistas e as mais otimistas foram, igualmente, observadas. Alguns professores identificaram que, pela formação que recebem, os futuros bibliotecários encontram-se preparados apenas para o trabalho em bibliotecas tradicionais. Outros identificaram, dentre outros caminhos, as empresas, as indústrias e os cartórios, alternativas que, no entanto, exigem mais dos profissionais e dos próprios docentes que não conhecem efetivamente essas realidades e pouco preparam os alunos para tais escolhas.

A luta pelo reconhecimento social da profissão bibliotecária sempre aconteceu em diversas esferas. As discussões sobre esse assunto e os depoimentos acerca do desprestígio, do desconhecimento e das limitações de salários, recursos e espaço institucional são apresentados na literatura e verificados pela própria realidade no País, com poucas bibliotecas, e pelas soluções de acesso à informação que as comunidades encontram, como, por exemplo, as bibliotecas domiciliares.

Não é raro, em listas de discussão, que esses pontos sejam abordados e os docentes entrevistados não foram unânimes em suas colocações. Para uns, o reconhecimento se dá para alguns indivíduos que, de algum modo, conseguem romper, com seu trabalho, esse descrédito em relação ao potencial de trabalho

dos bibliotecários. Outros concordam que essa não é uma profissão reconhecida e indicaram razões para essa percepção como, por exemplo, as políticas públicas com relação à educação ou, ainda, o comportamento dos profissionais em exercício, que seriam acomodados com as próprias situações.

A literatura técnica na área reforça, igualmente, a impressão de não reconhecimento e aponta para a catástrofe iminente da extinção da profissão. Um dos professores entrevistados observou que esse ressentimento dos profissionais é tão arraigado nos bibliotecários que os discursos em congressos, palestras e outros eventos estão sempre enfatizando a importância do profissional e da profissão, quando, na verdade, deveria ocorrer um processo inverso, ou seja, a partir da oferta de suas competências. Assim, se ao invés de discursos os bibliotecários oferecessem soluções para os problemas de informação da sociedade, esse reconhecimento seria natural.

5 Resultados e conclusões

Retornando ao ponto inicial da pesquisa, sobre os fatores que influenciam a auto-imagem profissional dos bibliotecários e de que modo tais fatores interferem no exercício profissional, observa-se que, a despeito da importância da informação na vida das pessoas, a associação com os profissionais não é imediata. Isto se deve a diversos fatores, dentre os quais:

programas governamentais de criação de bibliotecas que não condicionam, necessariamente, a colocação dos bibliotecários nessas instituições; profissionais com falta de treinamento para atuar politicamente e de forma conjunta, para lutar pela profissão; profissionais conformados com sua própria situação e de suas instituições; profissionais ausentes de suas associações, seus sindicatos e mesmo dos tão criticados conselhos de classe; profissionais que não atuam de forma cooperativa; e profissionais tímidos ante a sociedade hostil.

Enfim, nesse mundo tão negativo, ainda assim os profissionais manifestaram orgulho de serem bibliotecários, indicariam a profissão para outras pessoas, não querem mudar de profissão e utilizam as tecnologias em benefício da organização e disseminação de informação. Além disso, têm a noção de que sua profissão possui grandes nichos de atuação que são a organização e tratamento da informação, o atendimento de necessidades de informação de usuários e a pesquisa.

[...]nesse mundo tão negativo, ainda assim os profissionais manifestaram orgulho de serem bibliotecários, indicariam a profissão para outras pessoas, não querem mudar de profissão e utilizam as tecnologias em benefício da organização e disseminação de informação.

Desse modo, ainda que as condições de exercício e atuação profissional sejam aparentemente adversas, sinalizam que há perspectivas positivas para a profissão e para os profissionais, na medida em que percebe esse espaço de reforço de imagem. Entretanto, isso é muito pouco quando confrontado com a pesquisa junto aos professores. Parece necessário explorar o mundo dos docentes e dissecá-lo como tem sido feito ao longo do tempo com os egressos dos cursos de Biblioteconomia. Conhecer profundamente os docentes, como se sentem, se percebem, como percebem os profissionais formados parece ser um caminho importante para quebrar esse paradigma de associação da Biblioteconomia com a falta de perspectiva profissional. Talvez seja necessário mexer com as zonas de conforto e fazer cada docente compreender seu papel fundamental na construção da identidade dos bibliotecários, mesmo que a disciplina ministrada seja técnica e não envolva necessariamente questões mais subjetivas como valores, imagens, etc., o que talvez possa contribuir para modificar tanto a imagem profissional, quanto as perspectivas de atuação dos bibliotecários.

Certamente, não é tarefa fácil reunir todos esses pontos e identificar de que modo é preciso trabalhar a formação do bibliotecário, de forma que ele ingresse no exercício profissional consciente de suas dificuldades, mas também de sua capacitação. Parece que a formação profissional é o início desse círculo, que pode ser virtuoso ou carregado de frustrações. E essa é uma parcela de responsabilidade dos professores e dos bibliotecários em atuação no mercado, que não pode mais ser relegada a um segundo plano. Pertence, também, aos alunos que decidiram realizar esse curso e que devem fazê-lo com dedicação e empenho, valorizando o que aprenderam e exercendo a profissão com ética e competência, respeitando seus colegas e seus usuários. A questão não é apenas de sobrevivência e competitividade, mas de prazer, satisfação e realização pessoal e profissional.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2007. 223 p.

CARVALHO, Ana Maria de Sá. Formação do profissional bibliotecário: tendências e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. [Anais] do Congresso... Brasília, 2007. Em CD-Rom.

DURAND, Thomas. L'Alchimie de la compétence. *Revue Française de Gestion*, n. 127, p. 84-102, janv./febr. 2000.

FREIDSON, Eliot. *O renascimento do profissionalismo*: teoria, profissão e política. São Paulo: Edusp, 1998. 280 p.

GANZAROLLI, Maria Emilia. Memórias, relatos e percursos de formação: constituição de professoras de Biblioteconomia. In: CIBERÉTICA – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INFORMAÇÃO E ÉTICA, 2.; ENCONTRO NACIONAL DE INFORMAÇÃO

E DOCUMENTAÇÃO JURÍDICA, 8.; PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 22., 2003, Florianópolis, SC. *Anais*. Disponível em: <<http://www.ciberetica.org.br/anais.php>> Acesso em: 23 jun. 2004.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A divulgação profissional como perspectiva de diálogo entre a atividade acadêmica e a prática profissional: reflexões sobre uma experiência didático-pedagógica na área de fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação. In: RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). *A (re) significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação*: novas abordagens didático-pedagógicas. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 89-99.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Em busca de uma base comum para a formação profissional em Biblioteconomia, Ciência da Informação e Aquivologia: relato de um simpósio promovido pela Unesco. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 12, n. 2, p. 157-165, jul./dez. 1984.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* *Pesquisa social*: métodos e técnicas. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. *Bibliotecários no Brasil*: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Orientador: Profª Drª Sofia Galvão Baptista.

1- Os dados foram obtidos a partir da pesquisa de doutorado orientada pela Profª Drª Sofia Galvão Baptista e que resultou na tese: WALTER, Maria Tereza Machado Teles. *Bibliotecários no Brasil*: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.



Maria Tereza Machado Teles Walter
Bibliotecária do Supremo Tribunal Federal
e doutora em Ciência da Informação e
Documentação
MariaT@stf.jus.br